

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Brasiliense tem sotaque?

Estudo sobre a percepção da identidade linguística do falante de Brasília

Carolina Silva Ramos de Oliveira Pinto¹

Orientadora: Profa. Dra. Ormezinda Maria Ribeiro

Artigo apresentado como requisito
parcial para conclusão do curso de
graduação em Letras - Português.

Brasília, 2014.

¹ Graduanda em Letras - Português pela Universidade de Brasília. carolinasrop@gmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta um panorama das opiniões e atitudes linguísticas dos falantes de português do Brasil residentes em Brasília acerca da fala da cidade. A fala brasiliense foi analisada à luz dos conceitos de difusão e focalização dialetal. Por meio dos depoimentos de trinta entrevistados, chegou-se à conclusão de que ela está em contínuo processo de focalização dialetal.

Palavras-chave: Sociolinguística; Brasília; identidade; atitude; focalização dialetal.

ABSTRACT

This paper presents an outlook of opinions and linguistic attitudes of Brazilian Portuguese speakers resident in Brasília regarding the language spoken in the city. The Brasília dialect was analyzed under the scope of dialect diffusion and focusing. With the depositions of thirty interviewees, we have come to the conclusion that it is in a continuous process of dialect focusing.

Keywords: Sociolinguistics; Brasília; identity; attitudes; dialect focusing.

1. INTRODUÇÃO

Fundada em 21 de abril de 1960 e inaugurada pelo então presidente Juscelino Kubitschek, Brasília é a capital da República Federativa do Brasil ao mesmo tempo em que é capital do Distrito Federal, possuindo hoje, segundo a estimativa do IBGE/PNAD 2012, 2.648.532 (dois milhões, seiscentos e quarenta e oito mil e quinhentos e trinta e dois) de habitantes. A história da terceira capital do Brasil e sua divisão em 31 regiões administrativas (sendo elas: Brasília, Gama, Taguatinga, Brazlândia, Sobradinho, Planaltina, Paranoá, Núcleo Bandeirante, Ceilândia, Guará, Cruzeiro, Samambaia, Santa Maria, São Sebastião, Recanto das Emas, Lago Sul, Riacho Fundo, Lago Norte, Candangolândia, Águas Claras, Riacho Fundo II, Sudoeste/Octogonal, Varjão, Park Way, SCIA, Sobradinho II, Jardim Botânico, Itapoã, SAI, Vicente Pires e Fercal) não são novidade e já foram descritas com precisão pela literatura anterior a esse trabalho. Entretanto, os dados demográficos atualizados do Distrito Federal são de extrema importância para que possamos ter uma imagem clara das influências multiculturais nas comunidades que compõem o quadro de Brasília e entorno. Enquanto em 2008 a população do DF era composta por 51,4% de migrantes, quatro anos mais tarde vemos

pela primeira vez a relação de nascidos na capital brasileira ultrapassar o número de estrangeiros, compondo a cifra de 50,42% da população. Ainda assim, o DF continua recebendo gente de todos os estados; os mineiros à frente, 7,8% do total, seguidos por goianos, 6,8%, e baianos, 5,8%, segundo dados de 2012.

“Brasília”, como foi dito acima, é o nome de uma das regiões administrativas do Distrito Federal. No entanto, neste trabalho, a palavra foi compreendida no seu sentido mais amplo, em que se refere ao DF como um todo.

O sociolinguista Peter Trudgill (apud MELO, 2010) afirmou que quanto mais heterogênea for a sociedade, mais heterogênea será sua língua. A composição física e populacional do DF como um polo receptor de migração no Brasil faz dele um importante campo de estudo de variedades regionais e socioletais em contato. Sabemos que situações como essa, de grande variedade linguística, favorecem a aparição de uma norma coloquial mais neutra, ocorrendo uma redução das “asperezas e se obtém um instrumento dúctil e maleável, harmonioso, capaz de servir plenamente aos interesses da intercomunicação” (SILVA NETO, 1977, p. 108).

Não é por acaso que as primeiras pesquisas sobre o contato dialetal no Distrito Federal voltaram-se para a descrição do processo de generalização das línguas aqui encontradas. Foi com o passar do tempo que estudos notaram como Brasília oferecia a oportunidade para que os fragmentos dialetais se fundissem novamente em um único falar (HANNA, 1986), que caracterizaria um falar brasiliense. Com os indícios de uma homogeneização linguística vislumbrados já na década de 80 a partir da análise do distanciamento do dialeto dos filhos de migrantes em relação ao dialeto de origem dos pais, a intenção desta pesquisa é coletar juízos de habitantes de Brasília – nascidos ou não no Distrito Federal – que possam comprovar a existência de um dialeto não mais emergente, mas que tenha passado a compor o quadro de sotaques do Brasil.

A coleta dos dados aqui apresentados foi realizada durante o mês de janeiro de 2013, por mim juntamente com a colega Anne Dias, para uso em trabalho de conclusão da disciplina Sociolinguística do Português do Brasil, ministrada pela professora Rachel Dettoni.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. ATITUDES

A língua não é apenas um meio pelo qual se realiza a comunicação. Ela é um forte instrumento social e de poder. De acordo com Saussure (2006, p. 22), “ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo”. A partir disso, definimos atitude linguística como o comportamento avaliativo que as pessoas inferem da fala de outras pessoas. Assim, a atitude é refletida no comportamento de uma pessoa com relação a outra. Djalma Melo (2010, p. 36), citando Peter Trudgill, afirma que “a língua não é simplesmente um meio de comunicar informações, mas é também um importante meio de estabelecer e manter relações sociais com as outras pessoas”. Assim, seria possível perceber o papel social de um indivíduo a partir das atitudes relativas à sua fala.

Melo segue afirmando que é comum que os falantes sejam julgados com base em sua forma de falar e de se apresentar. Essa forma de falar dá sinais a respeito de sua origem e suscita reações favoráveis ou não com relação ao próprio falante.

Neste trabalho, foi adotado o conceito comportamental de atitude apresentado por Agheyisi e Fishman (apud MELO, 1988: 20), como aquele que “pode ser determinado estatisticamente pela observação do comportamento em situações sociais e de testes”.

Além disso, será abordado também o conceito de “consciência”, aqui, no sentido de conhecimento, noção ou percepção, compreendendo ainda que essa consciência, como propõe Scherfer (apud BARBOSA, 2002), não se configura em um sistema formal consistente, mas parcial, complexo e aberto, podendo ser mesmo contraditório.

2.2. DIFUSÃO E FOCALIZAÇÃO

Serão trabalhados também os conceitos de difusão e focalização – dois fenômenos pertinentes em qualquer estudo sobre um falar provindo de Brasília, região, como já foi indicado, receptora de migrantes e *locus* de situações de contato dialetais –, inicialmente propostos por Robert Le Page. Lesley Milroy (apud HANNA, 1986, p. 24,

tradução nossa), a partir da teoria de Le Page, definiu um dialeto difuso da seguinte forma:

Os padrões linguísticos de pessoas com mobilidade geográfica ou social, que não podem ser considerados característicos de qualquer sotaque com denominação específica, mas são, antes, uma mistura de vários sotaques sociais e regionais podem ser referidos como relativamente difusos.

A difusão dialetal, caracterizada pelo abandono de marcas características em favor de outras, representa um decréscimo na frequência tanto das variáveis descontínuas quanto graduais. Como bem exemplificado no trabalho de Bortoni-Ricardo especificamente sobre Brazlândia, parte-se da concepção de que a região do Distrito Federal não apenas já possuía uma difusão acelerada, mas já apresenta processo de focalização em todas suas regiões administrativas. Se por um lado a difusão dialetal implica em perda, o dialeto que surge da focalização é caracterizado por traços consistentes capazes de serem identificados e associados a uma comunidade distinta, como tentou comprovar Djalma (1988) em sua pesquisa que também abordou as atitudes.

A focalização está relacionada ao desenvolvimento do sentido de identidade de grupo, porém não implica homogeneidade linguística, como poderá ser observado nas diversas opiniões aqui tratadas.

2.3. VARIEDADES LINGÜÍSTICAS

Dino Preti (2010, p. 19) aponta para algumas classificações de variedades dentro de uma língua. Inicialmente, elas podem ser sincrônicas ou diacrônicas. Neste trabalho, serão abordadas as variedades sincrônicas, ou seja, “cronologicamente simultâneas, observáveis num mesmo plano temporal”.

Dentro da classificação sincrônica, ele afirma que as variações podem ser causadas por fatores geográficos, socioculturais ou estilísticos, sendo que serão abordados aqui as variedades geográficas, ou diatópicas. “São aquelas que ocorrem num plano horizontal da língua, na concorrência das comunidades linguísticas, sendo

responsáveis pelos chamados *regionalismos*, provenientes de *dialetos* ou *falares* locais” (PRETI, 2010, p. 24).

3. METODOLOGIA

Elizabeth Hanna, em seu trabalho “Difusão e focalização dialetal”, chegou à conclusão de que, no ano de 1986, em que foi feita sua pesquisa, estava em andamento no DF um processo de focalização dialetal entre os jovens brasilienses: eles já compartilhavam as mesmas normas linguísticas e avaliações acerca da língua. Sabendo que o dialeto focalizado possui traços consistentes que o fazem ser percebido como uma entidade distinta, foi de interesse, decorridos vinte e oito anos, verificar se tal processo encontra-se instaurado com força no DF, em um trabalho paralelo ao que fez Barbosa (2002). O presente trabalho não procurou focar-se em aspectos fonológicos ou nos fatores sociolinguísticos tradicionalmente incluídos nas análises, mas buscou recolher características de uma fala brasiliense por meio da avaliação de opiniões, a fim de verificar a solidificação de um sotaque do Distrito Federal assim como a consciência dos falantes sobre tal sotaque. Existe, portanto, um falar distintivamente brasiliense? Como ele é identificado?

Com isso em mente, foi montado um questionário por meio do serviço provido pelo google.docs, composto por cinco perguntas simples que buscavam esboçar o reconhecimento (ou não) de um falar brasiliense, sendo elas:

- De onde você é?
- Qual a sua idade?
- Você acha que você tem sotaque?
- Você acha que os brasilienses têm sotaque?
- Qual é a sua opinião sobre a fala dos brasilienses?

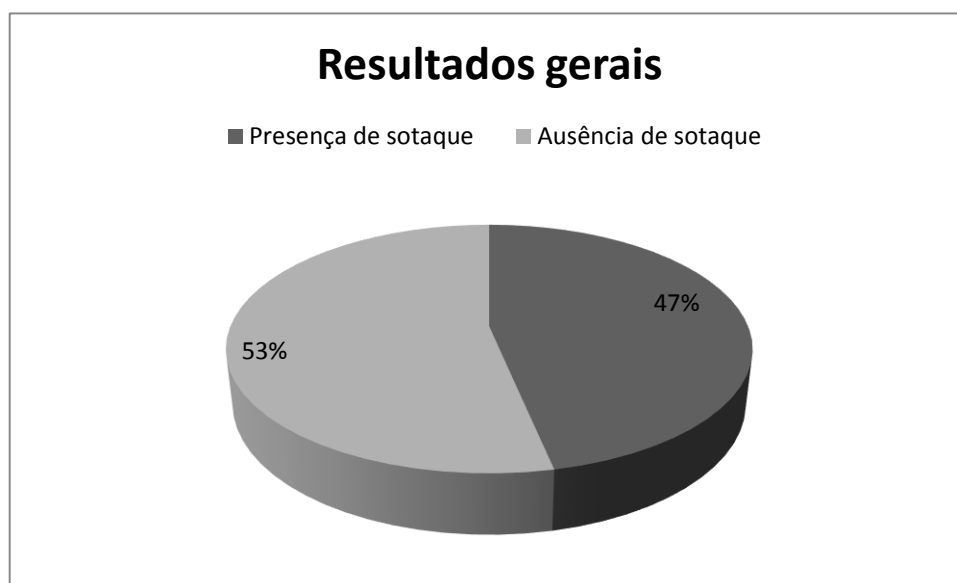
O formulário foi lançado por meio de redes sociais, não havendo uma seleção antecipada da origem dos pesquisados, e ali permaneceu por cinco dias até ser encerrado, atingindo um número de 126 (cento e vinte e seis) respostas. A média etária dos participantes foi de 24 anos, mas não observamos diferenças maiores entre as opiniões de nossos contribuidores mais velhos e mais jovens. Não fizemos distinção, também, em relação ao sexo dos candidatos. Para melhor análise dos resultados, 30

(trinta) entradas foram escolhidas, compondo 20 (vinte) brasilienses e 10 (dez) migrantes, sem, entretanto, que se alterasse o quadro geral das respostas.

4. O QUE PENSAM OS FALANTES DE BRASÍLIA? ANÁLISE E COMENTÁRIOS.

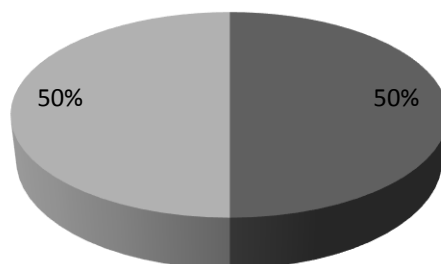
Do universo de dados coletados de 30 participantes, 20 deles consideram-se brasilienses (aqui nascidos ou criados pela maior parte da vida) e 10 são de outras regiões do Brasil.

Diante da pergunta “Você acha que os brasilienses têm sotaque?”, tivemos 14 respostas positivas e 16 negativas. Dos brasilienses entrevistados, 10 disseram “sim” e 10, “não”. Entre o outro grupo composto por migrantes, 4 acreditam que os brasilienses têm, sim, um sotaque próprio, enquanto 6 acreditam que não.



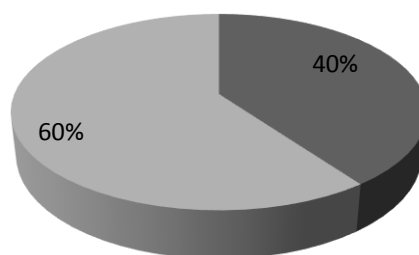
Resultados limitados às opiniões de brasileiros

■ Presença de sotaque ■ Ausência de sotaque



Resultados limitados às opiniões de migrantes

■ Presença de sotaque ■ Ausência de sotaque



Perguntamos também se os entrevistados acham que eles mesmos têm algum sotaque em sua fala. É interessante mencionar que, em 10% dos casos, houve discrepância, entre os brasilienses, com relação às respostas a essa pergunta e à anterior. Alguns disseram acreditar não ter sotaque, ao mesmo tempo em que afirmam a existência de um sotaque brasiliense. Isso pode indicar que eles não se identificam com a fala da cidade, evocando o papel da língua na construção de identidade de um grupo sociolinguístico. Por outro lado, houve também a ocorrência da situação oposta, em que o entrevistado afirmou ter sotaque embora não reconheça um dialeto regional propriamente brasiliense. Entende-se esse caso como um exemplo da diversidade populacional e cultural presente no DF, já que essa pessoa pode ter nascido em Brasília mas ter suas raízes culturais provenientes de alguma outra região brasileira.

No campo destinado à opinião acerca da fala da cidade, foram observadas 13 ocorrências da palavra “mistura” ou outras do mesmo campo semântico (“uma mistura de sotaques e gírias de diferentes regiões do Brasil”, “Temos uma mistura de sotaques”, “Uma mistura de sotaque carioca, goiano e nordestino”). Observou-se também que a existência de tal “mistura” configura, para 8 dos entrevistados, um sotaque. No entanto, na opinião de 5 deles, isso mostra a ausência de um. Além disso, houve 5 ocorrências da ideia de um falar “neutro”, das quais 4 enxergam essa neutralidade como um não-sotaque e apenas 1 como um sotaque. É interessante destacar a escolha desses termos se pensarmos no conceito e na formação de uma *koiné*, que envolve a preferência por formas linguísticas menos marcadas, ou mais **neutras**, a partir de uma **mistura** de elementos dialetais.

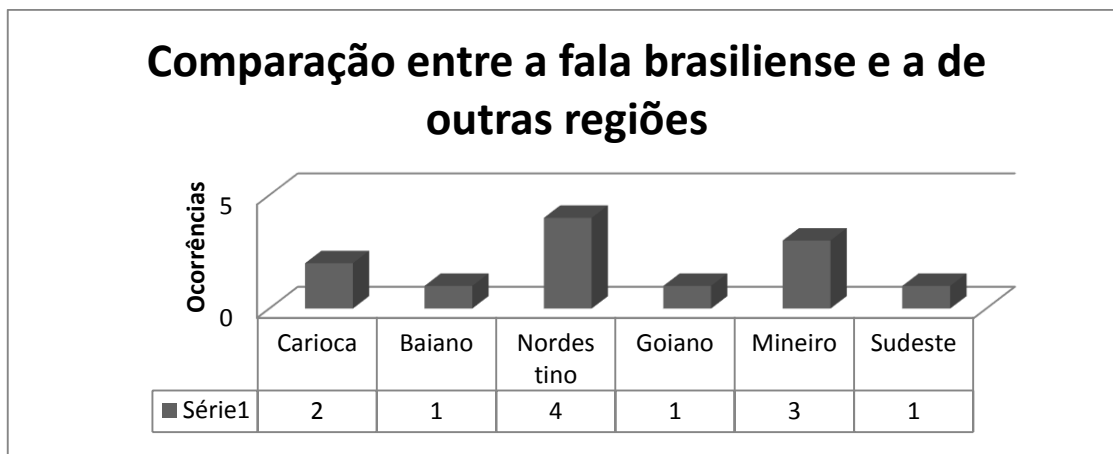
Nota-se que, em vários casos, os entrevistados afirmaram não ser possível a identificação de marcas próprias brasilienses, como nos exemplos de depoimentos a seguir: “não tem personalidade”, “os próprios brasilienses não detectam o sotaque”, “não tem forma específica”, “não é sentido por nós”, “me acostumei”; ainda assim, eles afirmam que existe um sotaque. Segundo Milroy, “os sotaques ou acentos constituem entidades antes psicossociais do que propriamente linguísticas. Isso significa que, embora sejam facilmente identificados, nem sempre é possível descrevê-los com precisão” (apud HANNA, 1986), como foi o caso de nossos entrevistados. No entanto, diversos participantes também apontaram que o falar típico do nativo de Brasília pode ser facilmente identificado por “vícios característicos” – as gírias sendo citadas inúmeras vezes como, por exemplo, “véi”, “massa” e “palha” – que aparecem para

compor a comunicação oral de uma região que estaria em formação identitária. Observou-se, ainda, que algumas das escolhas vocabulares e expressões que foram destacadas como características de Brasília, como “uai” e “oxe”, são também marcas comuns de outros sotaques brasileiros, o que demonstra novamente a influência linguística e cultural presente no Distrito Federal.

Alguns entrevistados fizeram uso de juízos de valor para caracterizar o falar da cidade, como “linda”, “a mais fria do Brasil” e “irritante”, levando a uma reflexão acerca da afirmação de Bordieu de que “uma língua vale pelo que vale os que a falam” (apud MELO, 2010, p. 42) e comprovando que ainda faz-se valer o questionamento de Djalma Melo (1988), que propõe que se trace uma distinção entre as reações negativas que desprestigiam variedades ligadas à variedade em si ou manifestações que se direcionam diretamente ao grupo étnico produtor da variedade. Pode-se estender tal reflexão para tentar compreender como a população brasiliense está sendo vista pelo contingente das outras regiões do Brasil. Seria irritante e fria a variação de Brasília ou o grupo de habitantes da região? O mesmo pode ser constatado com a adjetivação positiva que recuperamos em nosso corpus.

A opinião dos entrevistados sobre o falar brasiliense também levantou a interessante questão de um certo português padrão. Dois deles compararam a fala daqui à do Jornal Nacional, e outro se referiu a ela como “a mais correta do Brasil”. Essa língua padrão, segundo Djalma Melo, está relacionada ao grupo social de maior prestígio e *status* socioeconômico e cultural. A eliminação de marcas regionais mais fortes da língua e a consequente não associação a grupos sociais desprestigiados pode implicar a ideia de uma língua neutra representante da elite cultural e econômica do país.

Com relação a essas marcas regionais, os depoimentos apresentaram diversas comparações da fala brasiliense com a de outras regiões, como exemplifica o gráfico a seguir:



Como se vê, a maioria das comparações foi feita relativamente aos sotaques das regiões Nordeste e Sudeste do Brasil. Percebe-se que alguns entrevistados fizeram distinção entre a fala da região Sudeste e a dos cariocas e mineiros, apesar de a primeira englobar a segunda. Da mesma forma, distinguiu-se entre a fala baiana e a nordestina. É possível que isso tenha ocorrido devido a um sentimento de reconhecimento do falar baiano como externo ao nordestino, talvez por causa da localização geográfica do estado da Bahia, mais afastado dos outros estados nordestinos e mais próximo ao Centro-Oeste.

A respeito das diferentes regiões, um depoimento foi especialmente relevante:

Acho que incorpora a fala de várias regiões do Brasil, porém de maneira assimétrica, com alguns sotaques se sobrepondo em relação a outros. Esta diferença é bastante perceptível ao olharmos (ou ouvirmos) em termos de classes sociais: há traços mais “sudeste” em classes sociais médias e elevadas, enquanto diferentes sotaques nordestinos predominam, em média, em classes menos abastadas.

Acredito que a ideia exposta no depoimento acima retrate a opinião do falante brasiliense médio. O estabelecimento da maior parte dos imigrantes nordestinos nas cidades-satélites, Ceilândia em especial, e o grande desprestígio despendido a tais cidades ilustra bem essa situação.

5. AFINAL, BRASILIENSE TEM SOTAQUE? CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A fala brasiliense foi objeto de estudo de vários pesquisadores, principalmente devido às próprias características formadoras de uma cidade que abriga um contingente populacional extremamente variado. Sabe-se que uma variedade é resultado de processos sociopolíticos e de tradição histórica e, a partir dos estudos propostos por Hanna (1986), Melo (1988), Neto (2010) e Bortoni-Ricardo (2011), desejou-se comprovar a estruturação do processo de focalização na região do Distrito Federal, já descrito desde a década de 80. Esta pesquisa teve, portanto, como objetivo estudar as atitudes linguísticas e opiniões dos falantes residentes no Distrito Federal, aqui nascidos ou não. Buscou-se identificar, nesses falantes, a consciência da existência de uma fala típica local que não apenas fosse evidenciada pela exclusão em relação aos outros sotaques, como houve em Barbosa (2002).

Os dados obtidos apresentaram uma divisão praticamente igual acerca da presença de um sotaque brasiliense (53% acreditam não haver um, contra 47% que o validam). A partir disso, concluímos que, como já apontado em pesquisas anteriores, em especial a de Hanna, a fala brasiliense encontra-se em estágio de convergência, embora não haja, necessariamente, por parte do falante, uma consciência a respeito dessa situação. Ele consegue identificar que há uma mistura de falares direcionada a uma neutralização, mas não parece haver um acordo de que essa variante neutra compõe ou não um sotaque. Ainda assim, todas as opiniões, apesar de divergentes a respeito da existência de um sotaque, apontam para a ocorrência de características locais específicas, que podem, futuramente, vir a ser identificadas como componentes de um dialeto. Assim, os resultados continuam a direcionar no sentido de uma focalização dialetal.

Os resultados seguiram a linha das pesquisas anteriores. O que Newton Neto descreve, em seu trabalho de conclusão do curso de Letras pela Universidade de Brasília, está em concordância com esta pesquisa ao ressaltar, mais uma vez, que a difusão linguística inicial já deu lugar à focalização na comunidade de fala brasiliense, por meio de análise de um fenômeno fonético bastante evidente, que é o da palatalização do /s/ e /z/ pós-vocálicos diante das consoantes africadas /tʃ/ e /dʒ/; além disso, houve uma ratificação do discurso recorrente entre os brasilienses de que eles próprios não têm sotaque.

Na introdução deste trabalho, indicou-se que, no ano de 2012, a população nativa brasiliense ultrapassou pela primeira vez o contingente migrante que aqui reside. Indaga-se, ao final desta pesquisa, se o contínuo crescimento dessa parcela populacional não nos trará cada vez mais à comprovação por parte do residente do Distrito Federal de não mais um falar identificável porém impreciso, e sim de um dialeto reconhecido que possa representar os habitantes de Brasília e entorno da mesma forma como identificamos facilmente um carioca ou um paulista.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Adriana. *Brasilienses e a idéia do não-sotaque no processo de formação de identidade linguística*. Dissertação de mestrado, Unicamp, 2002.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Contatos de dialetos no Distrito Federal, Brasil*. In: O falar candango: análise sociolinguística dos processos de difusão e focalização dialetais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

_____. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola, 2011.

HANNA, Elizabeth S. *Difusão e focalização dialetal: o caso de Brasília*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 1986.

MELO, Djalma. *Atitudes Linguísticas e as Variedades Regionais de Fala no Brasil*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 1988.

_____. *Atitudes linguísticas com relação a sotaques regionais no Brasil*. In: O falar candango: análise sociolinguística dos processos de difusão e focalização dialetais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

NETO, Newton Vieira Lima. *Mas brasiliense chia? Focalização dialetal e o fenômeno da (des)palatalização em Brasília*. Trabalho de conclusão de curso, Universidade de Brasília, 2010.

PRETI, Dino. *A sociolinguística e o fenômeno da diversidade na língua de um grupo social: dialetos sociais e níveis de fala ou registros*. In: Sociolinguística: Os níveis de fala: Um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. 9. ed.

_____. *A norma e os fatores de unificação linguística na comunidade*. In: Sociolinguística: Os níveis de fala: Um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. 9. ed.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006. 27. ed.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1977. 4. ed.

7. APÊNDICE

	De onde você é?	Qual a sua idade?	Você acha que você tem sotaque?	Você acha que os brasilienses têm sotaque?	Qual a sua opinião sobre a fala dos brasilienses?
1	Ceilândia	20	Sim	Não	É uma fala influenciada por todas as regiões do Brasil, que se mistura, mas é complicado ter um extrato que identifique qual é o sotaque ou mania do brasiliense.
2	Taguatinga	21	Não	Sim	Sendo uma cidade ainda muito nova e que recebeu pessoas de variadas regiões do país em sua criação, a tendência foi de "anulação" dos traços de falas regionais pelos nascidos/criados por aqui. Essa característica de "neutralidade", contudo, não deixa de ser uma nova identidade linguística, contrastando com as demais. Acho que por isso podemos falar que temos, então, o nosso sotaque. Tenho primos mineiros que dizem que já sabem que quando alguém fala "igual ao Jornal Nacional", "uai" e "oxe", com certeza é de Brasília.
3	Rio de Janeiro	21	Sim	Sim	Eu diria que o sotaque dos brasilienses não tem muita "personalidade". Ele carrega marcas de outros falares, principalmente o nordestino. Acho um pouco difícil identificar alguém como sendo de Brasília pelo sotaque.
4	Goiás	22	Sim	Sim	Difícil dizer, pois é algo que já me acostumei.
5	Brasília	19	Sim	Sim	A principal característica da fala dos brasilienses é ter um sotaque que engloba todos

					os sotaques.
6	Piauí	27	Sim	Não	Irritante.
7	Nasci no RS e fui criada em Bsb	24	Não	Não	Temos uma mistura de sotaques tão grande em Brasília que acabamos não tendo nenhum sotaque definido
8	Pirassununga - SP	26	Não	Não	Acho uma fala neutra, uma mistura de sotaques e gírias de diferentes regiões do Brasil.
9	Brasília	27	Não	Não	Possui alguns vícios característicos, como vei (velho) paia/palha, mas de forma geral, o sotaque tende ao neutro.
10	Brasília	19	Sim	Sim	Os pioneiros de Brasília foram pessoas de diversos Estados, portanto nossa fala tem origem na mistura dos vários dialetos. Hoje, ela ainda está se desenvolvendo e adquirindo características próprias, mas já assume diferenças quanto a outros sotaques.
11	Brasília	20	Não	Não	A mais correta do Brasil
12	Taguatinga - DF	27	Não	Não	É a fala mais fria do Brasil
13	Brasília	24	Sim	Sim	Parece uma mistura de vários sotaques e não parece ser uniforme
14	Brasília	21	Não	Não	Acho que os próprios brasilienses não detectam o sotaque, mas, ao me deslocar para outros estados, sempre tem alguém com observações sobre o "jeito brasiliense" de falar.
15	Campo Grande - MS	24	Sim	Não	Um carioca que não chia o s.
16	Brasília	22	Sim	Sim	Acho que incorpora a fala de várias regiões do Brasil, porém de maneira assimétrica, com alguns sotaques se sobrepondo em relação a outros. Esta diferença é bastante perceptível ao olharmos (ou ouvirmos) em termos de classes sociais: há traços

					mais "sudeste" em classes sociais médias e elevadas, enquanto diferentes sotaques nordestinos predominam, em média, em classes menos abastadas.
17	Brasília	27	Não	Não	É que nem os repórteres e apresentadores do jornal nacional.
18	Brasília	26	Sim	Sim	Acho que é uma mistura de sotaques.. Depende de onde a família da pessoa é!
19	Asa Norte	18	Sim	Sim	Que, por Brasília ser uma cidade nova, há inúmeras pessoas vindas de outras regiões do Brasil e, por isso, o sotaque de quem nasceu aqui é uma mistura de vários outros. Exemplo: Já ouvi uma carioca falar que nossa fala é mistura da fala bahiana com a fala mineira, como um paraibano já perguntou se eu era carioca.
20	Brasília	23	Não	Não	Tem muitas gírias, mas não tem uma característica na maneira de falar que diferencie de outras regiões. A diferença geralmente é ele não ter o sotaque de determinada região, não falar de uma forma específica, porém não tem sua própria forma específica.
21	Brasília	22	Sim	Sim	Uma mistura das falas mineiras e cariocas, porém de forma mais suave o que a torna, muitas vezes, considerada sem sotaque.
22	Brasília	22	Não	Sim	Acho que o sotaque brasiliense pode estar sendo desenvolvido, embora não sentido por nós mesmos, nascidos e criados na cidade.
23	Patos de Minas	25	Não	Sim	parecida com nordeste
24	Brasília	22	Sim	Sim	Uma mistura de sotaque carioca, goiano e nordestino.

25	Brasília	23	Não	Não	é linda!
26	Brasília	21	Não	Não	Português padrão
27	Brasília	31	Não	Não	normal. os outros é que têm sotaque.
28	Campos do Jordão	53	Não	Não	A fala dos brasilienses é muito misturada não tendo um sotaque próprio
29	Goiânia	19	Não	Não	Uma variedade neutra, se comparada às demais.
30	Belo Horizonte	23	Sim	Sim	Mestiça